

## ARTESANATO E CULTURA LOCAL: uma possibilidade de renda e desenvolvimento da atividade turística

**Marta Corrêa da Silva**

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG *Campus* Quirinópolis.

[martacs.10@hotmail.com](mailto:martacs.10@hotmail.com)

**Jean Carlos Vieira Santos**

Professor Doutor do Curso de Geografia e Bolsista BIP - Universidade Estadual de Goiás – UEG.

[jean.vieira@ueg.br](mailto:jean.vieira@ueg.br)

*Recebido em: 20/06/16; Aceito em: 04/10/16*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é conhecer e apresentar o artesanato do interior do estado de Goiás, a partir de peças que inicialmente eram confeccionadas para o uso doméstico de moradores e que atualmente têm ocupado alguns lugares comerciais desse espaço urbano. O recorte de estudo deste artigo é o urbano do município de Quirinópolis, localizado na microrregião homônima. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa parte da discussão da categoria geográfica lugar, chegando aos territórios comerciais e de criação dos sujeitos envolvidos com o saber fazer artesanal. Para a construção do trabalho, o referencial teórico (livros, jornais, internet e revistas), os trabalhos de campo, o levantamento fotográfico, as entrevistas informais, as aplicações de questionários e o trabalho de gabinete foram fundamentais. No caso das artesãs investigadas, os principais resultados apontam que 32% têm entre 51 e 60 anos de idade; 37% alegam que o principal motivo de trabalhar com o artesanato é a possibilidade de aumentar a renda familiar; e para 55% dessas pessoas, o trabalho artesanal desenvolvido em Quirinópolis é um potencial turístico do lugar.

**Palavras-chave:** Saber fazer; Trabalho manual; Comércio artesanal; Potencial turístico.

### CRAFTS AND LOCAL CULTURE: a possibility of income and development of tourism activity

### Abstract

The aim of this study is to understand and present the craft in the interior of the state of Goiás, from work pieces that were originally made for household residents and are currently occupying some commercial places of this urban space. The study clipping of this article is the urban municipality of Quirinópolis, located in the homonymous micro region. To achieve the proposed objectives, the research departs of a discussion of the geographic category place, reaching commercial territories and creation of those subjects involved with the handicraft know-how. To construct this work, the theoretical background (books, newspapers, internet and magazines), fieldwork, photographic survey, informal interviews, applications of questionnaires and working office were fundamental. In the case of the investigated artisans, the main results show that 32% are between 51 and 60 years old; 37% claim that the main reason for working with craft is the possibility to increase family income; and to 55% of these people, the craft work developed in Quirinópolis is a tourist potential of that place.

**Keywords:** Know-how; Manual work; Craft trade; Tourist potential.

## INTRODUÇÃO

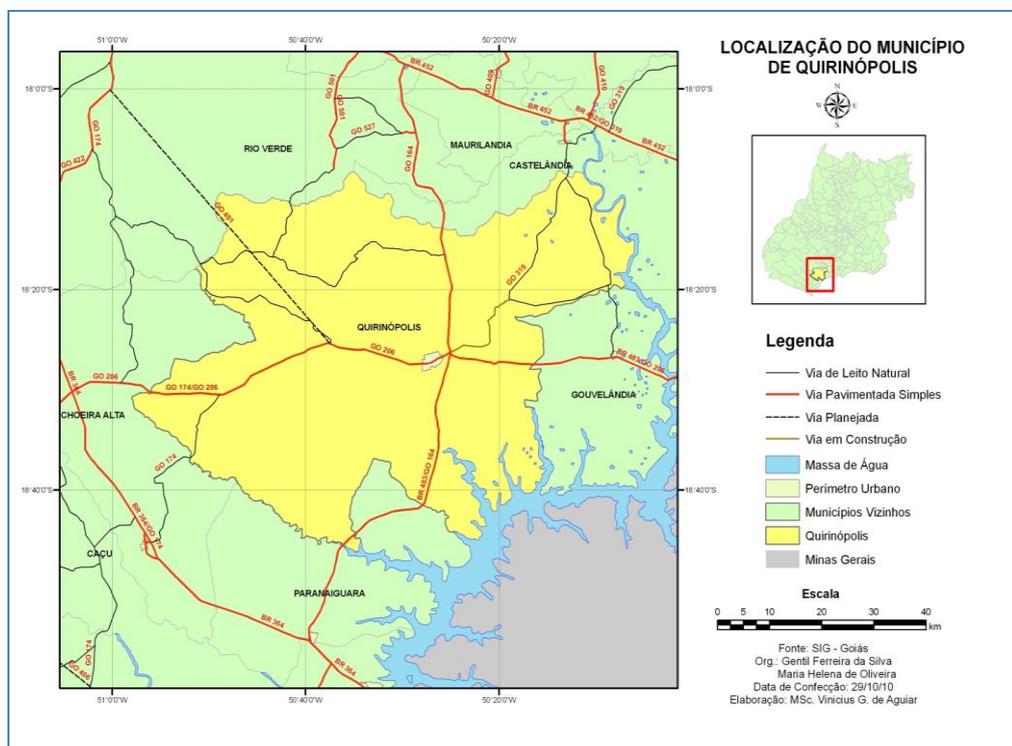
A identidade cultural da população de Quirinópolis está associada às atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas no bioma Cerrado, e esses segmentos rurais contribuíram para o surgimento de outras atividades menos representativas economicamente que a agropecuária, mas que foram fundamentais para a manutenção do modo de vida nas residências rurais e urbanas do interior de Goiás. Entre essas atividades está o artesanato, aqui também entendido como arte popular, saber fazer e trabalho manual, pois nenhum trabalho desenvolvido pelas mãos de sujeitos locais é igual, como ocorre nos processos industriais.

É possível afirmar, portanto, que o objetivo deste trabalho é conhecer e apresentar o artesanato/trabalho manual da cidade de Quirinópolis, a partir de peças que inicialmente eram confeccionadas para o uso doméstico de moradores e que atualmente têm ocupado alguns lugares comerciais da cidade. Os principais produtos artesanais encontrados nessa urbanidade são: o crochê, os bordados, os tapetes de cordão e retalhos e as cabaças com pinturas e desenhos.

Nessa perspectiva, propõe-se levantar algumas análises e obter respostas para as seguintes perguntas: Quais são os artesanatos produzidos? Quais são os lugares de comércio desse saber fazer? Quem são os sujeitos que, com sua criatividade, reinventam uma arte com traços particulares e populares?

O recorte de estudo deste artigo é o urbano do município de Quirinópolis, localizado na microrregião homônima no estado de Goiás (Figura 1). Nesse viés, o presente trabalho se justifica pela não existência de literatura geográfica e de áreas afins, como Turismo e Economia, abordando as temáticas: trabalho manual, saber fazer artesanato e artesãos de Quirinópolis. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa parte da discussão da categoria geográfica lugar, chegando aos territórios comerciais e de criação dos sujeitos envolvidos com o saber fazer artesanal.

**Figura 1.** Município e área urbana de Quirinópolis.



**Fonte:** Josiane de Azevedo Costa e Lorraine Gomes da Silva (2015).

Para a construção do trabalho, o referencial teórico (livros, jornais, internet e revistas), os trabalhos de campo, o levantamento fotográfico, as entrevistas informais, as aplicações de questionários e o trabalho de gabinete foram fundamentais. Marques (2011), Rezende e Santos (2013) destacam que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, espacializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, com vistas a desenvolver o trabalho e buscar respostas aos questionamentos levantados.

O trabalho de campo não se trata simplesmente de um momento de tirar fotografias, fazer entrevistas ou aplicar questionários. Para Moura e Silva (2009, p.9-10), ele precisa “[...] garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada”. Santos (2010, p.31) nos ajuda a compreender a relevância dessa prática, pois é no campo que o “[...] olhar transpassa as aparências e busca fazer história com intensidade, por intermédio da documentação detalhada e reconhecidamente singular”. Esse percurso necessário exige:

[...] uma postura disciplinada e um esforço de memória, além de uma vigilância intensa para não tratar os sujeitos como exóticos. Ao elaborar as anotações no caderno de campo é fundamental ter a preocupação de levar em conta as emoções dos sujeitos, assim como as emoções de quem faz anotações, pois elas permitem aberturas, inclusive subjetivas, à compreensão do real (SANTOS, 2010, p.33).

Por meio das atividades de gabinete, foram efetuadas a correlação, a interpretação e a análise dos dados coletados. Pode-se afirmar que em Quirinópolis, como todo o interior de Goiás, possui um artesanato com particularidades e arte própria, bem característica de sua gente, do seu tradicionalismo, da sua maneira de ser e pensar, e, para além de tudo, dos seus usos e costumes com traços do Cerrado. Estes, por sua vez, estão verdadeiramente em conjugação com os vários produtos originais dessa mesma terra, comercializados em cidades turísticas do estado, como Caldas Novas, Rio Quente, Trindade, Pirenópolis, Lagoa Santa, Goiás (Antiga Capital) e na capital Goiânia.

A arte de bordar, criar peças de barro nas antigas olarias e de reinventar nas cozinhas rurais e urbanas nessa terra é antiga. De modo algum, fique admirado se dissermos que essa mesma antiguidade a acompanha desde a chegada dos primeiros moradores, o que nos leva neste artigo a considerar, com alguma réstia de segurança, ter sido o trabalho artesanal a mais antiga (senão a primeira) forma criativa a florescer nesse Cerrado. Vale ressaltar que existe uma tendência nata na região para a prática de construir diferentes peças a partir de um saber e mãos criativas.

## **O LUGAR DO ARTESANATO E OS ARTESÃOS DO LUGAR**

A ciência geográfica é uma área do conhecimento que estuda lugares, territórios e paisagens artesanais. É nesse segmento de investigação científica que se torna importante discutir a categoria geográfica lugar, interligando elementos sociais, econômicos, culturais e turísticos, além de tecer discussões contextualizadas no lugar que também se refere à arte de mãos que criam e modelam.

O artesanato que existe em locais como no município de Mateiros, no Jalapão (TO), trabalhando o capim dourado, tornou-se um dos principais atrativos turísticos do destino e divulgador dessa comunidade. Dessa maneira, tal arte é apresentada a turistas e visitantes como meio de integração social, inquisição de cultura e fonte de recursos econômicos no desenvolvimento e crescimento da economia de base local.

Pode-se afirmar que o artesanato desenvolvido nos diferentes lugares do bioma Cerrado e de outros biomas brasileiros é um ramo da economia que pode apresentar as manifestações culturais e as tradições de cada povo, possibilitando o desenvolvimento do turismo de base local e concomitantemente gerando renda aos moradores artesãos. Segundo Marques (2011,

p.50), nesses lugares é desenvolvida uma forma muito particular de “práticas cotidianas”, trazendo ações criativas e traços artesanais. A autora afirma:

[...] que esses lugares são, antes de tudo, um espaço. Mas se diferencia dele por ser um ambiente marcado por relações de identidade e pertencimento. O lugar de um indivíduo é único, particular, subjetivo. Nessa perspectiva, a constituição do lugar leva tempo, depende da vivência (MARQUES, 2011, p.70).

De fato, o lugar é “[...] onde ocorrem as sensibilizações e sociabilidades dos sujeitos, por meio de práticas cotidianas, redes sociais diversas e formas de vidas que são componentes primordiais no ordenamento regional [...]” (SANTOS, 2010, p.244). Silva (2010, p.161) explica que o lugar é o movimento “[...] social, histórico, cultural que afirma a relação sociedade/natureza no local. A subjetividade, a identidade e o sentimento de pertencimento são as categorias indicadoras para compor um lugar”. Nesse contexto, é possível afirmar que o lugar do artesanato é também do sujeito artesão, podendo tornar um atrativo para os sujeitos de fora.

É nessa perspectiva que Santos (1997) se refere ao lugar, dizendo que ele se superpõe dialeticamente ao eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, visto como o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente as noções e as realidades de espaço e tempo. Para o autor, o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultantes do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência.

Se o lugar expressa relações, ao imaginar o trabalho manual que leva a produção de peças artesanais ou manuais, pode-se afirmar que as residências ou territórios onde ocorre essa produção podem ser caracterizados como um lugar de sociabilidade que, nas palavras de Silva (1991, p.31), é “[...] uma relação de causalidade simples ou complexa, como reciprocidade e referência”. Para o autor:

Essas mediações relacionam o homem e o lugar, manifestando-se como complexos físicos de trabalho e trocas de energia, ou seja, como o conjunto de relações sociais e naturais produzidas pelo trabalho, trabalho esse que é a transformação do real a partir da determinação, e que implica a passagem de energia de um receptor a outro por meio de um condutor (SILVA, 1991, p.22).

O lugar do trabalho manual ou artesanal pode ser também compreendido como um território social percebido e compreendido como um todo e que tem como referência a vida social – esse todo se põe como multiplicidade analítica de ações de intercâmbio social em uma realidade heterogênea. Para Silva (1991, p.134), nessa discussão é fundamental o papel da geografia social, a qual objetiva “[...] o estudo do lugar social e de sua população, como manifestação de formação espaço social”.

As relações no lugar social, vistas no plano da vida de sujeitos que desenvolvem seu saber fazer, podem ser retratadas como uma prática socioespacial de comunidades com fortes marcas de ruralidade e tradição. Isso concretiza no modo de como os sujeitos se apropriam dos materiais que a base local pode oferecer, organizados por tradições socioculturais ou pela necessidade de produzir seus próprios objetos. Convém salientar que esses espaços se constituem em territórios onde se realiza a vida humana, determinando-a conforme seus hábitos e costumes.

Conforme Santos e Alves (2005), é no lugar que o mosaico de culturas floresce, demonstrando a diversidade e a contradição de tradições, costumes, formas de viver e de fazer. As manifestações da cultura local podem ser percebidas nas paisagens naturais e culturais, na tradição local, nos costumes e hábitos herdados da formação sociocultural, uma realidade

encontrada no interior de Goiás, no município de Quirinópolis e na região do Cerrado. Em verdade, essa paisagem pode possibilitar o contato, o resgate, a valorização e a manutenção de valores próprios do lugar e do regional.

Em geral, os diferentes trabalhos artesanais ou manuais realizados no município de Quirinópolis ocorrem em lugares que podem ser definidos como unidades de produção familiar. Eles não são conhecidos e nem mesmo estudados na perspectiva de avaliar as potencialidades turísticas e culturais, bem como os possíveis impactos que poderão advir de iniciativas públicas e privadas que visam ampliar a oferta turística do município e gerar renda para os artesãos familiares.

Ao discutir o lugar e a produção do cotidiano, Damiani (1999) lembra que é preciso incorporar ao espaço a crítica da vida cotidiana, que põe o acento na reprodução das relações sociais. O cotidiano se torna um nível:

[...] de análise do real importante quando a reprodução social atinge inteiramente a reprodução da vida. [...] não se faz tábula rasa das maneiras de viver, dos costumes, dos simbolismos de um povo de forma absoluta, por mais rigorosos que sejam os processos reprodutores envolvendo empresas e estratégias políticas. A cotidianidade é criada também pelo modo de produção, não lhe é alheia nem marginal, embora seja desigual a outros setores, momentos e situações dessa forma de produzir. O cotidiano, como simulacro da vida plena assim modelada, permite ao modo de produção funcionar. [...] o cotidiano, em relação ao econômico e ao político, amplia o universo de análise para tantas outras relações entre os indivíduos e grupos, inclusive particulares, locais. Inclui o vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos e os comportamentos (DAMIANI, 1999, p.162-163).

Para o autor citado, o lugar definido pelo cotidiano é a sociedade inteira, e não somente seus aspectos econômicos e políticos. Portanto, os lugares do trabalho manual/artesanal em Quirinópolis (Figura 2) fazem parte do cotidiano de sujeitos com suas habilidades e sensibilidades artísticas. Nessa vertente, Carlos (1999, p.182) lembra que o viver em um lugar se revela enquanto constituição de uma multiplicidade de relações sociais, com uma prática espacial “[...] que está na base do processo de constituição da identidade como o lugar e com o outro e que foge à racionalidade homogeneizante hegemônica (imposta pela sociedade do consumo), que define um tempo e um modo de uso”.

**Figura 2.** O trabalho manual de Quirinópolis, com animais e utensílios domésticos do modo de vida do Cerrado.



Fonte: Autores (2015).

Nesse caso, pode-se afirmar que nos lugares de produção artesanal existe uma sociabilidade marcada por atividades desenvolvidas numa lógica de produção de pequena escala, acontecendo em diferentes bairros da cidade e, muitas vezes, nas relações de vizinhança. Essa produção é comercializada nas próprias residências ou em espaços públicos, que têm:

[...] uma multiplicidade de sentidos para a sociedade em função da cultura, dos hábitos e costumes. [...] o lugar da comunicação, do diálogo, da extensão do morar, onde as crianças podem brincar e todos podem se expor, conversar e reivindicar. Aqui, produz-se uma visibilidade que cria identidades – a identidade que humaniza as relações por laços de convivência e pela sensação de pertencer ao grupo e ao lugar (CARLOS, 1999, p.184).

O uso dos lugares públicos pelo comércio artesanal enquanto forma de apropriação se realiza enquanto expressão de um modo de produção tradicional, ou seja, o espaço é vivenciado pelo artesão com o emprego dos seus sentidos, sensibilidades e criatividade que formam a base prática da percepção do mundo exterior. Nesse viés, no estudo aqui proposto é importante pensar os lugares de produção artesanal, turísticos ou não, a partir dos seus significados e do que eles representam para as sociedades que vivem à margem dos processos industriais e capitalistas.

### **ARTESANATO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA**

Quando se trata do trabalho artesanal, sobretudo o saber fazer ou o trabalho manual nascido em pequenas cidades ou no meio rural, pode-se afirmar que esse labor faz parte de uma cultura popular espontânea, pois é aprendido na vivência familiar. Nesse contexto, pode-se pensar que tal conhecimento resulta de uma tradição das cidades do interior goiano, sendo um comportamento de sujeitos que carregam consigo habilidades e criatividade a partir da natureza e do modo de vida existentes.

Desse modo, pode-se pensar que o artesanato é uma forma de trabalho com significados que buscam meios para atingir um determinado fim, dando forma e sentido a certa cultura popular que é do lugar turístico e não turístico. Nesse contexto, Claval (2006) arrazoa que o homem apreende o mundo por meio dos seus sentidos: ele observa as formas, escuta os barulhos e sente os odores daquilo que o envolve.

Os movimentos do seu corpo constituem uma experiência direta do espaço. O gosto lhe revela, quando come ou bebe, outras propriedades do mundo que o envolvem. Pode-se dizer, então, com base em Claval (2006), que o trabalho manual ou artesanal é uma indicação que os sujeitos recebem dos seus sentidos. Nesse caso, é possível afirmar que:

[...] as informações que compõem as culturas transitam sem cessar de indivíduo para indivíduo. Elas passam de uma geração para outra, de modo que a sociedade permanece ainda que seus velhos desapareçam e sejam substituídos pelos jovens. As informações circulam entre vizinhos, entre amigos, entre parceiros de trabalho ou de negócios. Cada um recebe, ao longo dessas trocas, know-how, conhecimentos e descobre atitudes e crenças que lhes eram estranhas; retém-se e interioriza-se uma parcela mais ou menos larga. O conteúdo das mensagens trocadas não pode geralmente se compreendido fora do contexto onde se encontram os parceiros (CLAVAL, 2006, p.95).

Fundamentado em Santos (2011), pode-se compreender o artesanato como uma técnica e trabalho do artesão, uma arte de fazer objeto, enquanto o artesão é o artífice ou sujeito que faz o artesanato. O artesão é o produto mais acabado de quando pode a imaginação humana no

domínio do trabalho manual: tudo que é produzido pelo homem, nesse campo, tem arte, até aquilo que ele próprio, nas suas exigências estéticas e super-refinadas, queira entender que o não é.

Desde tempos imemoriais que o ser humano se realiza espiritualmente na feitura de objetos de uso pessoal e utensílios que o seu cotidiano passou a exigir e a aperfeiçoar. Assim sendo:

O homem, por natureza e analisado em termos genéricos, é um artesão, um artista, dada a capacidade que possui de poder conciliar e adaptar o pensamento aos movimentos certos e harmoniosos das mãos. Possui imaginação, gosto e habilidade manual (SANTOS, 2011, p.471).

O artesanato é a mais pura manifestação de arte popular conduzida por mãos hábeis, quase sempre desconhecidas, “[...] que operam em consonância com o gosto e intuição do artista nato, cuja aprendizagem e maturidade vai colhendo na escola da vida, onde o aluno, regra geral e qual paradoxo, é o professor de si próprio” (SANTOS, 2011, p.471). Essa forma de caracterizar o trabalho artesanal não difere das realidades encontradas durante os trabalhos de campo na cidade de Quirinópolis.

Nesses termos, a preservação do trabalho artesanal ou trabalho manual nos lugares promove “[...] a manutenção da história viva da comunidade” (CORIOLANO *et al.*, 2009, p.153) e pode contribuir com o desenvolvimento do turismo de base local, tornando-se uma arte geradora de renda ou um complemento de renda para famílias ou grupos organizados em torno dessa atividade. De acordo com Bezerra (2013, p.118), o artesanato é “[...] um símbolo de representação social e cultural da comunidade”. Logo, para evidenciar essas representações sociais é preciso:

[...] sentir e deixar-se invadir pelo sentimento de descoberta. Trata-se de um universo imaginário singular, reflexo de um cenário social único, construído culturalmente por longas décadas como representação de um povo, de uma sociedade diferente, mas original (BEZERRA, 2013, p.125).

Pode-se dizer que pesquisar o artesanato ou simplesmente o trabalho manual de Quirinópolis é trazer o sentimento de descoberta que representa um povo que tem suas tradições sedimentadas no religioso, na agricultura e pecuária. É possível referir a esse trabalho manual do cotidiano de sujeitos que estão em suas residências ou em pequenos comércios como uma prática cultural ou um hábito para passar o tempo, ou seja, o artesanato ou trabalho manual faz parte da cultura de Quirinópolis. Não seria nenhuma ousadia afirmar, neste artigo, que é um patrimônio do lugar, e essa:

[...] cultura é constituída pelo conjunto mediador de instrumentos (utensílios e demais materiais) e pelo arcabouço de normas que regem os diversos grupos sociais (ideias, artesanatos, crenças e costumes), todos esses advindos dos signos criados pelo homem. Ao se considerar a cultura, seja ela simples ou complexa, estaremos sempre na presença de um vasto aparato material e sócio (ZUIN; ZUIN, 2009, p.42).

Juntamente com o artesanato nascem diferentes culturas que ajudam o homem a transmitir os saberes construídos historicamente. Tais saberes buscam preservar a história particular de uma família, de uma geração, de uma cidade, de uma fazenda, de uma região e de um país. Pode-se afirmar que a prática artesanal e as experiências desenvolvidas em diferentes contextos e locais da nação:

[...] vieram trazer as respostas procuradas, e demonstrar resultados surpreendentes. O primeiro deles pode ser visto como uma nova visão do patrimônio cultural brasileiro em sua diversidade de manifestações, tangíveis e intangíveis, consagradas e não consagradas, como fonte primária de conhecimento e aprendizado, a ser utilizada e explorada na educação de crianças e adultos inserida nos currículos e disciplinas do sistema formal de ensino, ou ainda como instrumento de motivação individual e coletiva, para a prática da cidadania, o resgate da autoestima dos grupos culturais, e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações (HORTA, 1999, p.5).

Ao se apropriar da discussão apresentada, pode-se dizer que o trabalho artesanal é um fenômeno (e bem) cultural dos lugares espalhados pelo país, não somente nas cidades do interior de Goiás. Ele pode se transformar em compreensão, internalização e valorização, isto é, em um método de educação patrimonial como processo contínuo de experimentação e descoberta.

Sua riqueza e potencial só podem ser assim avaliados e dimensionados por aqueles que a experimentam em seus diversos campos de ação patrimonial, educacional e comunitário. O artesanato trata-se de um:

[...] patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania (HORTA, 1999, p.6).

Todas as ações por meio das quais os povos expressam seus trabalhos artesanais específicos constituem e fazem parte da sua cultura que, ao longo do tempo, adquire formas e expressões diferentes, tornando muitas vezes elementos no desenvolvimento de lugares turísticos. Para Horta (1999, p.7), essa cultura é um processo eminentemente dinâmico, “[...] transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrenta”.

Ainda de acordo com Horta (1999), é importante reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma maneira diferente de se expressar e aceitar. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher; de utilizar plantas como alimentos e remédios; de construir moradias; a culinária, as danças e músicas; os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares – todas revelam os múltiplos aspectos que a cultura viva e presente de uma comunidade pode assumir.

## **CONHECENDO AS ARTESÃS DE QUIRINÓPOLIS**

Antes de apresentar o perfil social e econômico das artesãs de Quirinópolis, pode-se dizer que os espaços públicos e privados, como residências, praças, ruas, áreas de lazer, calçadas, prédios públicos e privados da cidade, vêm sendo os lugares de comercialização do artesanato produzido no meio urbano. Todo o trabalho artesanal desenvolvido nesses locais obedece algum ritual que vai desde a concentração individual, as conversas em grupos até o produto final em bordados, tapetes e pinturas.

O trabalho artesanal é “[...] um saber – imaginário/real – às vezes transmutado em irracional na prática, pela nova geração [...]”; na verdade, o que existe nesse ofício é a “[...] sensibilidade para compreender a vida e o universo pela imaginação que sai do coração e ganha uma forma real na prática cotidiana” (BEZERRA, 2013, p.129-130).

Nota-se que o saber fazer artesanal não somente no município de Quirinópolis, mas em outras regiões de Goiás e Brasil, apresenta a “[...] integração de pessoas entre si e dessas com o lugar, cria identidade muito forte (CORIOLANO *et al.*, 2009, p.45). Nesse contexto, os lugares do artesanato no espaço urbano de Quirinópolis serão analisados neste trabalho de forma abrangente, fazendo-se um diagnóstico da realidade encontrada, pois, como afirma Santos (1997), tal lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta a partir de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas que são a base da vida em comum que, às vezes, é proporcionada pelo trabalho artesanal, tornando-se parte da cultura do lugar.

Nesse caso, Claval (1999, p.11) relata que a cultura “[...] é um campo comum para o conjunto das ciências humanas”; portanto, o olhar do geógrafo torna-se relevante para compreender o artesanato quirinopolino, sem dissociá-lo de seus sujeitos. Rosendahl e Corrêa (2003, p.9) ainda lembram que a “[...] geografia cultural é um significativo subcampo da geografia, que a partir da Europa difundiu-se e já tem um século de existência. Contudo, a geografia cultural não tem ainda no Brasil a importância que desfruta nos EUA e na Europa”.

Para Rosendahl e Corrêa (2003), a heterogeneidade cultural brasileira, fruto de longos, complexos e espacialmente diferenciados processos envolvendo a sociedade e a natureza, faz do Brasil um excelente campo para estudos de geografia cultural, mas essas pesquisas focalizavam, sobretudo, sociedades tradicionais, pouco se reportando às sociedades urbano-industriais.

Em Quirinópolis os artesãos comercializam sua arte em eventos realizados na recepção do teatro da cidade, um espaço público “[...] considerado uma das principais obras arquitetônicas do município, construído no final da década de 1980” (SANTOS, 2010, p.202). O comércio também ocorre nas residências dos próprios artesãos, e essa realidade integra culturalmente a população quirinopolina ao saber fazer de tais anônimos, incorporando a esse contexto elementos do lugar como o comércio com vizinhos, o que expressa relações de proximidade, modos de vida e valores formadores das famílias do interior de Goiás.

O artesanato já foi vendido durante os festivais gastronômicos da Chica Doida, mas este deixou de ocorrer por divergências políticas locais, lógico que o maior prejudicado com a não ocorrência foi à população local. Santos destaca a presença do artesanato na festa gastronômica local, mostrando o mesmo como um atrativo para aqueles que visitam o evento:

Vários produtos regionais são comercializados durante o festival gastronômico da Chica Doida, entre eles, a farinha de milho verde, produzida de forma artesanal há mais de 30 anos por uma família na Fazenda Fortaleza do Castelo [...]. Outro atrativo do evento foi o “Armazém do Festival”, onde foi possível comprar farinha de mandioca, rapaduras, doces, queijos, requeijão e outras iguarias do meio rural, além do artesanato local (SANTOS, 2010, p.217-218).

As experiências e exemplos apresentados mostram as transformações estruturais dos espaços de uma pequena cidade em lugares de comércio do artesanato. Outro local de venda e exposição é um comércio (Figura 3) na esquina da principal via pública da cidade (Avenida Brasil) com a Igreja de Nossa Senhora da Abadia (Matriz e Padroeira), localizada na região central do núcleo urbano. O comércio funciona como bar e restaurante a noite e durante o dia o lugar é cedido para a venda artesanato local.

**Figura 3.** Artesanato em comércio de Quirinópolis.



**Fonte:** Autores (2015).

Em eventos como a festa da Padroeira (Nossa Senhora da Abadia), a Pecuária e nas feiras livres da Praça do Circo (quarta-feira) e Feira Coberta (domingo), também é possível encontrar o trabalho manual de moradores do lugar. De acordo com Martins (2015, p.93), “[...] as feiras livres estão presentes nos tempos modernos, talvez, dependendo da região a ser analisada, torna-se uma das atividades de grande atratividade para consumo e lazer”. Em cidades do interior de Goiás, sejam elas turísticas ou não, pode-se evidenciar nessas feiras livres o uso do espaço por seus artesãos, comercializando a produção para moradores ou turistas.

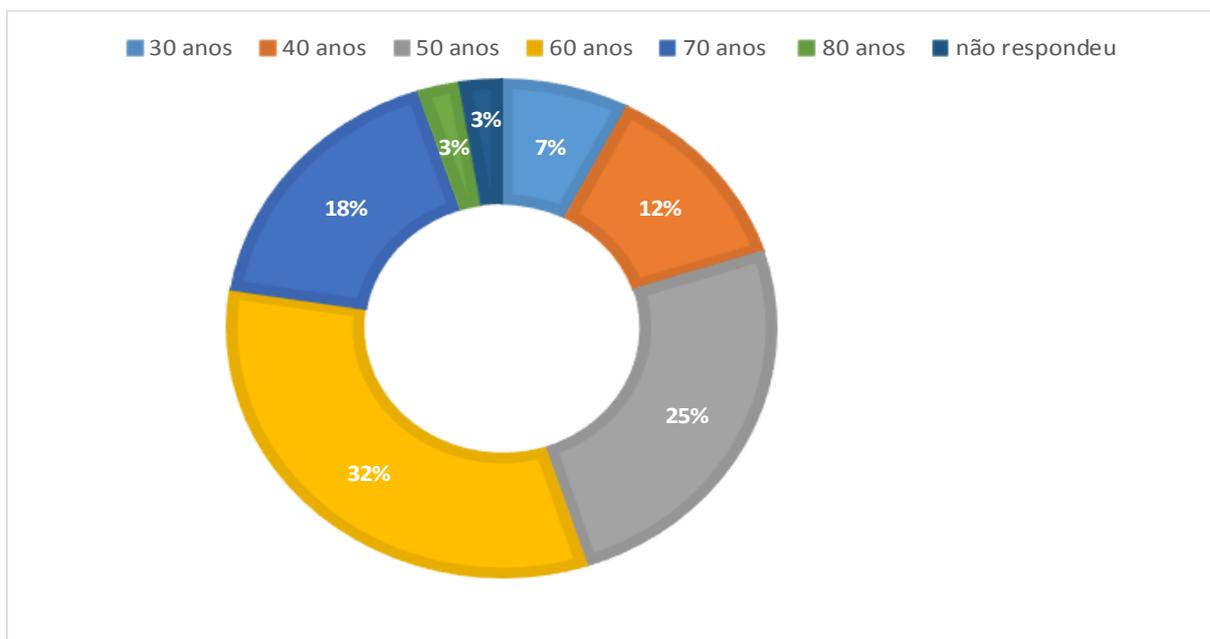
Nessa abordagem, outro ponto relevante é o Complexo Social Jovem do Futuro, um projeto público de apoio ao trabalho manual e artesanal na cidade cuja sede fica localizada na Avenida Dom Pedro I, no Centro e recebe o apoio da Secretaria Municipal de Promoção e Assistência Social. O projeto Jovem do Futuro concentra suas atividades em quatro núcleos: pedagógico, desportivo, de cultura e de qualificação profissional. O núcleo cultural estimula o desenvolvimento cognitivo, corporal e artístico, despertando a criatividade e a produção cultural (QUIRINÓPOLIS, 2014).

Entre os cursos oferecidos nesse núcleo estão: bordado à mão, bordado à máquina, *biscuit*, crochê, pedraria, produção de vasos artesanais, revestimento artesanal de piso, entre outros, sendo uma ação que contribui com a manutenção do trabalho manual e artesanal de base local. Outro projeto social que merece destaque na cidade é a Associação das Mocinhas e Mocinhos de Ontem (AMMO), que proporciona apoio cultural aos sujeitos da cidade, trazendo como foco a importância de preservar o passado, especialmente a prática do trabalho artesanal (QUIRINÓPOLIS, 2014).

Com vistas a conhecer a população-alvo deste trabalho e trazer informações acerca do grupo social que foi definido como artesãos de Quirinópolis, aplicaram-se questionários com um universo de 40 sujeitos. Desse grupo de inquiridos, 15 são do projeto Jovem do Futuro, cinco da AMMO e 20 que trabalham informalmente em suas residências. Essa classe social pode ser definida como “[...] artesão popular, cujos trabalhos possuem um estilo todo pessoal, mostrando assim uma visão própria do mundo” (WEISS, 1981, p.40).

Torna-se relevante destacar que 100% do grupo entrevistado são do sexo feminino, pois não se soube de artesãos masculinos. A Figura 4 mostra que 25% dos sujeitos que trabalham com artesanato em Quirinópolis têm entre 41 e 50 anos de idade, e 32%, entre 51 e 60 anos.

**Figura 4.** Idade das artesãs de Quirinópolis.



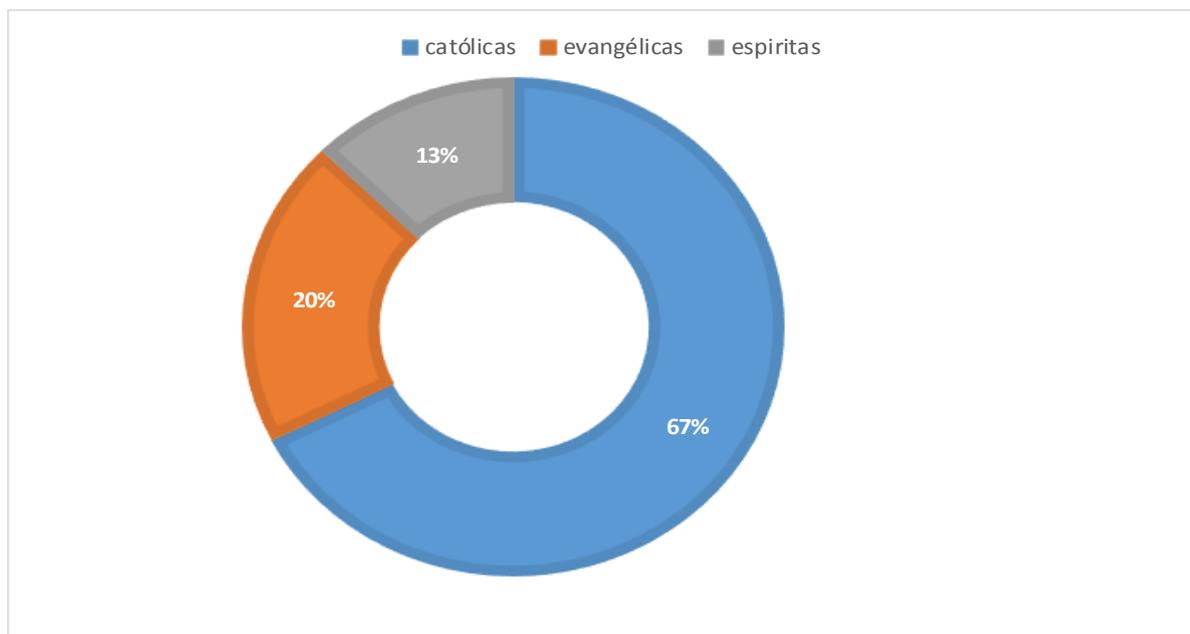
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Outra informação importante, colhida durante as pesquisas de campo, concerne ao nível de escolaridade dos sujeitos que trabalham com artesanato. Os resultados mostram que 28% de inquiridos possuem o Ensino Fundamental; 42% o Ensino Médio; e 27%, o Ensino Superior, sendo que apenas 3% não responderam a essa questão. Em depoimento informal, o grupo com formação superior ressaltou que o curso foi oportunizado principalmente pela existência da Universidade Estadual de Goiás (UEG) na cidade, pois é pública e gratuita. Assim, o resultado mostra um bom nível de escolaridade dos inquiridos, o que no futuro poderá proporcionar uma melhor organização desses indivíduos.

A fim de reforçar a formação profissional das artesãs, buscou-se conhecer como ocorreu a busca pelo trabalho artesanal. O resultado mostra que a maioria (44%) iniciou o trabalho por distração ou para passar o tempo; 16% responderam que gostam muito do que fazem e têm admiração quando veem a arte concluída; 37% alegaram que o principal motivo é a possibilidade de aumentar a renda familiar e 3% gostam de presentear as pessoas e que não visam o lucro – para eles, é apenas uma arte.

A Figura 5 apresenta a qual grupo religioso diz pertencer cada inquirido. A maioria, englobando um universo de 67%, se diz fazer parte da religião católica, grupo religioso predominante nas cidades do interior de Goiás e entre os moradores de Quirinópolis, que têm Nossa Senhora da Abadia como padroeira. É comum nos diversos bairros da cidade a existência de igrejas católicas.

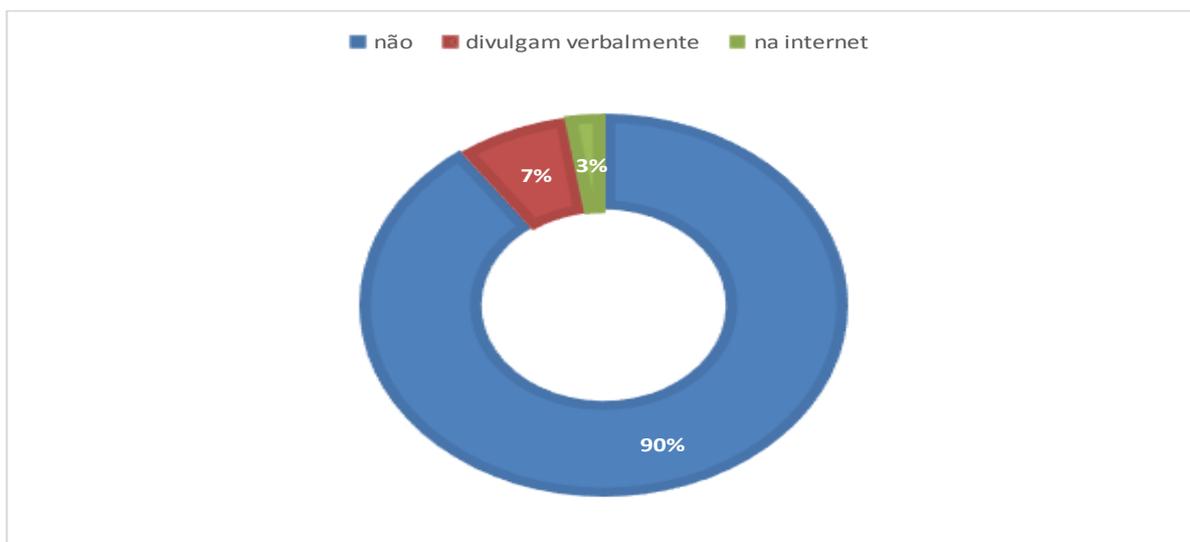
**Figura 5.** Religião das artesãs de Quirinópolis.



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

De acordo com os números apresentados na Figura 6, é possível destacar que 89% dos inquiridos não fazem nenhum tipo de divulgação do seu artesanato e apenas 4% utilizam a internet para divulgar o trabalho, especialmente página do Facebook e e-mails. Apesar do elevado número de artesãs com bom nível de escolaridade apresentado anteriormente, não existe um processo de organização na comercialização da produção artesanal.

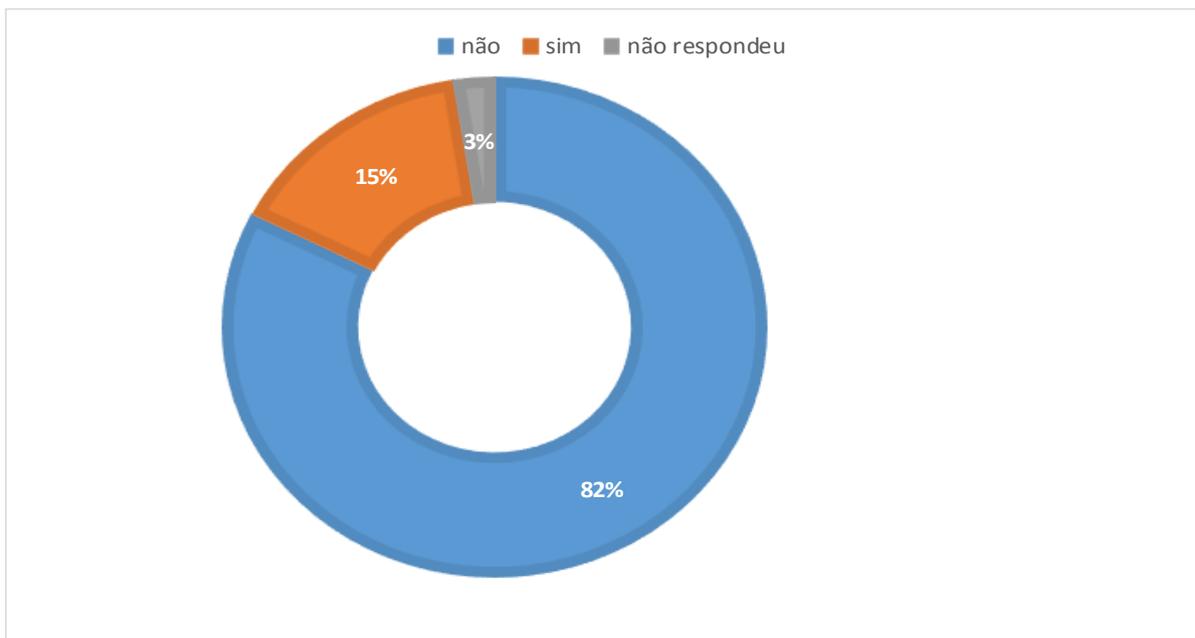
**Figura 6.** Divulgação do artesanato de Quirinópolis



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Sobre o comércio de artesanato para moradores de outras cidades (Figura 7), 82% disseram não vender o que produz; no entanto, 15% dos inquiridos vendem para outros municípios, principalmente para pessoas conhecidas (parentes e amigos) que moram em espaços urbanos da região em Goiás e no estado vizinho de Minas Gerais. Para esse lugar, a atividade artesanal representa uma alternativa socioeconômica, no âmbito da cidadania, de fonte de renda e da promoção cultural e turística.

**Figura 7.** O comércio do artesanato com os moradores de outras cidades.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para 94% dos inquiridos, o trabalho manual/artesanal recebe apoio do poder público (prefeito) local, principalmente por meio dos projetos sociais e da organização dos eventos na cidade, porém não existe nenhum projeto de financiamento da arte e trabalho manual no município. Ainda sobre o apoio recebido, apenas 32% consideram que a Câmara Municipal se faz presente. Para 55% das artesãs, o trabalho artesanal é um potencial turístico, pois, segundo elas, as pessoas admiram os trabalhos realizados.

Entre os principais produtos artesanais feitos pelas artesãs de Quirinópolis estão: crochê, bordados, ponto cruz, sianinha, pedraria, trabalhos com produtos recicláveis, pintura, macramê, tapetes de cordão e retalhos, tricô, *patchwork*, ponto livre, costura, pintura em cabaças nativas do Cerrado, biscuit, sabonetes, vagonite e bordado em máquina.

Diante do abordado, é importante destacar que o lugar do artesanato em Quirinópolis é definido por cores, mãos de pessoas humildes, traços do interior do Cerrado, cotidiano e modo de vida da sociedade que não se importa apenas com a margem de lucro, mas com o resultado de um trabalho que demanda tempo e imaginação.

#### **ARTESANATO COMO CONTRIBUTO AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CULTURAL**

Diante dos resultados apresentados, é possível afirmar que o artesanato é uma atividade que deve ser discutida no seio do turismo cultural não só como potencialidade, mas como uma possibilidade para o desenvolvimento do turismo de base local, dado que a atividade turística ou simplesmente “[...] o turismo é sempre um ato cultural, seja ele de que tipo for [...]” (PIRES, 2001, p.69).

Sabe-se que, historicamente, o turismo foi responsável pela difusão de diversas artes, saber e fazer e trabalhos artesanais pelo interior brasileiro. Desse modo, torna-se relevante destacar que a cultura foi desde sempre um dos mais importantes fatores:

[...] de desenvolvimento do turismo e torna-se, cada vez mais, acentuado: grande parte das viagens realiza-se para destinos que dispõem de fatores culturais notáveis, tais como os locais históricos, monumentos, centros arqueológicos, centros de peregrinação, concentrações de caráter étnico e muitos outros. Alguns destes fatores podem ser criados artificialmente em qualquer parte (caso dos museus), mas outros estão profundamente ligados aos locais onde se desenvolveram (locais históricos ou centros arqueológicos, por exemplo) e outros estão ligados à maneira de viver de cada povo (tradições) (CUNHA, 2001, p.122).

Desse modo, a cultura e os bens culturais exercem uma forte atração, podendo, por si sós, dar origem à criação de destinos turísticos. De acordo com Bezerra (2013), a partir do desenvolvimento do turismo, as comunidades interioranas se sentem valorizadas e, quando o artesanato conquista a simpatia dos visitantes, surge a possibilidade de gerar emprego e renda para as famílias. Sendo assim, o trabalho artesanal se torna “[...] o responsável pelo forte impacto socioeconômico [...]. A oportunidade de obter uma fonte estável de renda e melhorar as condições de vida” (BEZERRA, 2013, p.128) aguça a sabedoria dos lugares que vivem da arte artesanal.

A arte e as manifestações culturais das populações nas pequenas cidades do interior, a exemplo de Quirinópolis, podem sofrer ganhos a partir de qualquer programa municipal de turismo voltado à incorporação do patrimônio cultural local. Para considerar essas potencialidades, mesmo que sejam residuais, é fundamental a execução de projetos públicos que poderão localizar mapear e analisar os locais de maior potencialidade turística de produção artesanal no município. Com isso, oportuniza-se ao poder público local indicar medidas para o desenvolvimento e a incorporação das comunidades artesãs municipais ao turismo, em que há a valorização desse patrimônio cultural, evitando que ele desapareça com o tempo.

Nessa reflexão acerca do artesanato ou trabalho manual como produto turístico, faz-se relevante pensar os lugares do trabalho artesanal como oferta turística, pois, segundo Melazo e Santos (2004, p.186), deve-se entender que:

[...] ao lugar, como oferta turística, para se manter como tal, não basta possuir somente recursos naturais e culturais. O turismo precisa atuar conjuntamente com outros campos do conhecimento. A compatibilidade do meio natural com o cultural muitas vezes não é considerada nos planos e planejamentos turísticos.

O artesanato como produto turístico, se bem planejado, pode se tornar um intercâmbio cultural entre a base local e os visitantes. De acordo com Coriolano (1998, p.114), “[...] a organização da vida gerando práticas sociais dá um arranjo diferenciado a cada lugar. É como se o lugar tivesse sua própria fisionomia, inconfundível”.

Ainda para a autora citada, no turismo, as identidades específicas de cada lugar constituem os principais valores locais. Aqueles lugares que sabem valorizar sua memória e sua cultura enriquecerão o turismo; daí a necessidade de preservação de saberes e fazeres como os artesanatos existentes em cidades do interior do Brasil.

Nesse caso, entende-se que o artesanato de Quirinópolis é um potencial turístico do município, que poderá promover o desenvolvimento sustentável em unidades de produção familiar urbana, gerando renda e trabalho, ao considerar o saber fazer como uma possibilidade de desenvolver a qualidade e melhoria de vida das populações locais. A ideia é mostrar o trabalho

artesanal como um meio para o desenvolvimento local, pois, dessa forma, a qualidade de vida dos produtores familiares se elevaria, diminuindo até mesmo os problemas relacionados ao desemprego. Nessa análise, pode-se afirmar que o:

[...] turismo cultural en su acepción más amplia, confiere un nuevo papel a los recursos ambientales y culturales en la localización del turismo a escala nacional e internacional [...]. Algunos monumentos, algunos conjuntos histórico-artístico y ciudades han sido más visitados que determinadas estaciones litorales (VERA *et al.*, 1997, p.69).

Destarte, o artesanato é um produto turístico cultural resultante de ideias, hábitos e crenças populares, ocorrendo por meio da produção de artefatos materiais e sem o uso de maquinários, em que se incluem a paisagem e o ambiente de base local como fonte inspiradora. Esse produto é socialmente definido pelas comunidades responsáveis pela sua existência, expressando as vidas de grupos sociais que articulam em seus territórios, bem como suas ideias e valores.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria e os resultados de campo construídos neste artigo revelam o artesanato de Quirinópolis como uma possibilidade de estudo da geografia cultural e da geografia do turismo, colocando-se atualmente como mais uma vertente do trabalho geográfico. Ela abrange as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte, estudos do significado de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares onde a produção artesanal ocorre. Nosso foco de pesquisa não inclui uma investigação teórica para diferenciar conceitos de trabalho artesanal, trabalho manual e saber fazer popular, mas sim a demonstração de uma cultura local, com seu cotidiano e costumes sociais abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Diante disso, convém registrar que o lugar do artesanato em Quirinópolis é definido pelo cotidiano e modo de vida de uma sociedade urbana e rural, em que os aspectos econômicos e políticos são os menos relevantes. Essa realidade cotidiana está no lugar e constitui uma particularidade do município, feita de fatos e situações que mantêm a vida. Dessa forma, a história do saber fazer artesanal começa no lugar, envolvendo relações próximas, ordinárias e singulares. A vida cotidiana mais íntima, ao mesmo tempo, situa seu lugar na sociedade, no cotidiano do lugar, significando uma área específica única, identificada como tal pelo trabalho manual do crochê, do bordado e da arte de cozinhar.

Tais lugares não são tidos como “dados” ou “potencialidade turística”, posto que a prioridade municipal é concentrar suas ações no desenvolvimento do agronegócio, e não na atividade turística cultural – é uma realidade mental impregnada na lógica do poder público local.

O artesanato não é valorizado se forem analisadas as ações concretas do mercado local, sendo possível dizer que, nesse lugar, tal atividade é considerada genérica, pois não é vista como importante pelas lógicas privada e pública. De fato, o artesanato não pode ser compreendido meramente pela observação e vontade do artesão; por conseguinte, é preciso que outros setores o conheçam esse legado do passado e do presente.

### REFERÊNCIAS

- BEZERRA, N. A. P. As representações de meio ambiente no imaginário dos artesãos de Capim Dourado do município de Mateiros – TO. In: CORCINIO JÚNIOR, G. F.; SILVA, V. C. P. da. **Natureza e representações imaginárias**. Curitiba: Appris, 2013.
- CARLOS, A. F. A. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. Abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_; ARAÚJO, A. M. M.; VASCONCELOS, F. P.; ALMEIDA, H. M. de; ROCHA, A. M.; GONÇALVES, A.; LIMA, A. C. G.; QUINTILIANO, A. B.; SAMPAIO, C. F.; MENDES, E. G.; NASCIMENTO, I. V. O.; GONÇALVES, M. M. P.; SOUZA NETO, G. F. de; BARBOSA, L. M.; SOUZA, E. A. L. de; SALES, E. A.; PARENTE, K. M. N.; RODRIGUES, T. da C. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudanças**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

COSTA, J. de A.; SILVA, L. G. da. Migração, trabalho e escola: a inserção dos alunos nordestinos no Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis em 2015. **Revista Mirante**, Quirinópolis, v. 8, n. 2, 2015, p.11-22.

CUNHA, L. **Introdução ao turismo**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

DAMIANI, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

HORTA, M. L. P. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

MARQUES, L. M. **A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MARTINS, P. P. **Dinâmica socioespacial de Aragarças, Goiás: a cotidianidade na construção e estruturação do espaço urbano**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2015.

MELAZO, G.; SANTOS, R. J. Turismo de eventos e o potencial turístico cultural de Uberlândia (MG), o maior centro urbano da Bacia do Rio Araguari. In: LIMA, S. do C.; SANTOS, R. J. **Gestão ambiental da Bacia do Rio Araguari**. Uberlândia: UFU; Brasília: CNPQ, 2004.

MOURA, P. S.; SILVA, M. L. Trabalho de campo nas paisagens turísticas do Destino Canastra – Minas Gerais. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Composer, 2009.

PIRES, M. J. **Lazer e turismo cultural**. Barueri: Manole, 2001.

QUIRINÓPOLIS. **Revista Casa Cor dedica duas páginas ao projeto social Jovem do Futuro**. 2014. Disponível em: <<http://www.quirinopolis.go.gov.br/estrutura/galeria/janela.php?id=1145>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

REZENDE, N. A. P.; SANTOS, J. C. V. Turismo científico nas cidades do entorno do Parna Emas (GO/MT/MS). In: SIMPÓSIO DE TURISMO SERTANEJO, 7, 2013, Ituiutaba. **Anais...** Ituiutaba: UFU, 2013.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, R. M. **Histórico do Concelho de Lagoa**. Lisboa: Colibri, 2011.

SANTOS, R. J.; ALVES, K. B. **Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II.** Uberlândia: Composer, 2005.

SILVA, A. C. **Geografia e lugar social.** São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, L. G. Construção do lugar: trajetórias dos Avá-Canoeiro no Cerrado do norte goiano. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. **Cerrados: perspectivas e olhares.** Goiânia: Vieira, 2010.

VERA, J. F.; PALOMEQUE, F. L.; MARCHENA, M. J.; ANFON, S. **Análisis territorial del turismo.** Barcelona: Ariel, 1997.

WEISS, Oise. **Atividades lúdicas com sucata.** São Paulo: Scipione, 1981.

ZUIN, P. B.; ZUIN, F. S. **Tradição e alimentação.** Aparecida: Ideias & Letras, 2009.